

A pessoa como centro – uma análise de minha experiência com a obra

Paulo Coelho Castelo Branco

Pós-Doutor e Doutor em Psicologia pela UFMG. Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFC. Bolsista Produtividade do CNPq.

1. Um olhar geral sobre a obra

CARL R. ROGERS
RACHEL L. ROSENBERG

A PESSOA COMO CENTRO

 EDU

Introdução	1
Rachel Rosenberg	
Uma olhada ao passado	27
Capítulo I — Em retrospecto. Quarenta e seis anos	29
Carl R. Rogers	
Fundamentos de uma abordagem centrada na pessoa	47
Capítulo II.— Terapia para agora	49
Rachel Rosenberg	
Capítulo III — Uma maneira negligenciada de ser: a maneira empática	69
Carl R. Rogers	
Capítulo IV — Ellen West — e solidão	91
Carl R. Rogers	
Capítulo V — Uma comunidade centrada na pessoa	103
Rachel Rosenberg	
Capítulo VI — A política da educação	133
Carl R. Rogers	
Capítulo VII — Pode a aprendizagem abranger idéias e sentimentos?	143
Carl R. Rogers	
Uma perspectiva ampliada	163

Capítulo VIII — Alguns novos desafios	165
Carl R. Rogers	
Capítulo IX — Precisamos de “uma” realidade?	185
Carl R. Rogers	
Capítulo X — Minha filosofia das relações interpessoais e como ela se desenvolveu	195
Carl R. Rogers	
O futuro	209
Capítulo XI — A pessoa que está surgindo: uma nova revolução	211
Carl R. Rogers	

3. Características da obra

O caso da obra “A pessoa como centro”

- Publicação “exclusiva” no Brasil, em 1977, pela EPU.
- A relação com a obra “A way o being”, de 1980; publicado parcialmente no Brasil como “Um jeito de ser”, em 1983, pela EPU.
- Trata-se de uma das poucas obras em corrente publicação nacional.
- Aproxima-se da proposta da obra *Tornar-se Pessoa* (1961), ao compilar e organizar artigos publicados, sobretudo, nos anos de 1970, para introduzir e expor sua proposição.
- Indica um olhar sobre o passado, presente e futuro. Lógica semelhante a obra “Um jeito de ser”.
- A questão da concorrência com a editora Martins Fontes.

Tradutoras

- Rachel Rosenberg (capítulos 4, 6, 7, 8, 9 e 11);
 - Maria Helena Souza Patto (capítulos 1, 3 e 11);
 - Lilian Quintão (capítulo 10).
- Quem foram elas?
 - Em especial, que foi Rachel Lea Rosenberg? Por que ela foi co-autora?
1. Professora da USP em 1968 (Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade); Estudante de Oswaldo de Barros Santos (mestrado:1968-69; doutorado 1970-1973 - Um estudo da percepção de condições psicoterápicas em grupos de aconselhamento psicológico); em 1969, criaram o SAP-USP. Trabalhou com superdotados, idosos e aconselhamento psicológico.
 2. Conheceu Rogers no *Center for Studies of the Person*, em 1975 (relato no cap. 5).
 3. Contatos e recepção no Brasil.
 4. Livro organizado: Aconselhamento psicológico centrado na pessoa (1987).

Para gostar de ler “A pessoa como centro”

- Informação da contra-capa:

“A Pessoa como Centro é um obra que foi concebida para nascer brasileira. É uma apresentação atualizada do homem e do pensador Carl R. Rogers, considerado tão importante para o século XX quanto Freud. É, antes de tudo, um livro apaixonado, de quem acredita e vive aquilo que escreve e que está sempre em busca de uma verdade, por menor que ela seja. Não propõe nem aprofunda análises formais, nem se mantém confinado ao mundo objetivo. É bem estruturado, da linguagem preferida pela ciência de nossos dias, pois enuncia um conhecimento que, muitas vezes, se origina de emoções e vivências pessoais”.

- Contudo... É preciso ler segundo um horizonte que considera o que Rogers produziu na clínica, na educação e nas práticas grupais.

3. Minha experiência com a obra

Meu percurso com a obra

- 2005, como um egresso da Psicanálise;
- Compra de 3 livros;
- Início da leitura pela obra “A pessoa como centro”;
- Dificuldades encontradas: Daseinanalyse x Pragmatismo; Utopia x Distopia (educação, grupos e sociedade); pouco aprofundamento clínico para entender compreensão empática e consideração positiva incondicional;
- Primeiros aprendizados: quem foi Rogers; terapia para o agora; visão de ciência.

Ênfases no que eu tomo da obra: história, epistemologia clínica e ciência

- Retrospecto de 46 anos e como Rogers desenvolveu sua “filosofia” de relações interpessoais (capítulos 1 e 10);
- Terapia para agora (cap. 2);
- Maneira negligenciada de ser: “vivência” empática (cap. 3);
- Caso Ellen West (cap. 4);
- Alguns novos desafios (cap. 8);
- Precisamos de uma realidade? (cap. 9);
- A política da educação e a aprendizagem pelos sentimentos (caps. 6 e 7);
- A pessoa que está surgindo (cap. 11).

Aspectos históricos e biográficos de Rogers

Relato do impacto que Rogers teve ao perceber:

- o seu processo de pesquisador clínico à facilitador de processos terapêuticos;
- a expansão e implicação do seu pensamento para outros campos de ciência e relações humanas.
- Ambivalência em relação à Psicologia Acadêmica (Wisconsin e La Jolla);
- Polêmicas com a Psiquiatria (profissão) e a Psicologia Comportamental (filosofia e não permissão de divulgação de um debate);
- Enigmas: teorias da personalidade, psicoterapia e relações humanas; líderes na psicologia.
- Foco na comunicação (vídeos e contatos com os entrevistados)

Terapia para agora

- Sêmen do plantão psicológico;
- Apresentação dos fundamentos da ACP, não em termos teóricos, mas reflexivos sobre as tendências de terapias de curta-duração, grupais e experienciais, a partir da formação do terapeuta, capacidade de perceber o aqui-agora e crença nos potenciais e crescimento e transcendência humanos.
- Classificação de dois tipos de cliente que levam a dois tipos de clínica: problemas situacionais x problemas crônicos.
- Apontamentos gerais para uma terapia de curta-duração baseada nos princípios e valores não-diretivos e centrados na pessoa.

Maneira negligenciada de ser: empatia

- Situa origens na abordagem rankiana (reflexão sobre os sentimentos vividos no aqui-agora);
- Aprimoramento disso na terapia não-diretiva;
- O problema atual: muitas deturpações sobre quem somos e o outro é;
- Definição operacional (1957), estabelecimento da noção de experienciação (vivência), definição atual a partir da “significação sentida” e “empatia acurada”:
 1. Ficar à vontade nos fluxos e referenciais alheios;
 2. Movimentação temporária (esforço);
 3. Foco em adentrar sentidos-significados e captar suas expressões e fluxos;
 4. Companheirismo confiante no outro;
 5. Deixar de lado seus juízos de valores e pontos de vista para se perder no mundo estranho do outro

Maneira negligenciada de ser: empatia

- Descrição de princípios da empatia a partir de estudos doutorais (p. 77-79);
- Consequência maior: se conhecer e conhecer o outro; desbloqueio de vivências; novas orientações.

O caso Ellen West

- De onde veio isso? *Existence: a new dimension in psychiatry and psychology* (1958);
- Para quem Rogers fez essa re-leitura? Simpósio sobre a solidão contemporânea, em 1958, para exemplificar a condição de consideração positiva incondicional;
- Amor (avaliação) condicional; falta de intervenções considerativas incondicionais (diagnósticos variados); solidão (incapacidade de se relacionar com outro); ela não buscava uma cura, mas aceitação. Esse foi o indício pré-suicídio.
- Relações objetais criam ações para: avaliar e não compreender; condicionar ainda mais os seus objetos.
- Relações incondicionais possibilitam vias para: a compreensão de uma experiência no que ela busca realizar; articular ações condizentes a isso.

Alguns novos desafios

- Palestra encomendada pela APA, em 1972.
 - Reminiscências de 40 anos de Psicologia Clínica e atividades correlatas.
 - Lista de desafios sem pretensão de sequência lógica.
1. Psicologia com Ciência Humana: diálogo com perspectivas idiográficas e novos paradigmas de ciência;
 2. Planejamento social: ambientes realizadores e criativos;
 3. Abolição de profissionalismos: arrependimento pela aprovação do exame da APA; profusão de charlatões (não)credenciados; registro não equivale a competência; burocracia. Para lidar com seres humanos precisa disso?
 4. Homens e mulheres integrais: pessoas dicotomizadas, desestimuladas e desumanizadas; crença nos jovens e no funcionamento organísmico unificado;
 5. Realidade única? Existência de múltiplas realidades e de realidades fora do campo da apreensão (mistério).

Precisamos de “uma” realidade?

- Conduz o argumento pela educação unificada e para lidar com um “mundo real”;
- Experiencia de observar as estrelas: vastidão, senso de ser o centro do universo e humildade;
- Questionamentos “quantumaniacos”;
- Retomada de uma questão evitada nos anos clínicos;
- Argumento de existência de múltiplas realidades advindas de múltiplas experiências e de elementos de realidade que não percebemos.
- A única realidade possível de ser conhecida é a do mundo conforme eu percebo e vivo neste momento. Por isso, existem tantas realidades quanto pessoas.

Precisamos de “uma” realidade?

- A comunicação e os seus perigos;
- O cuidado para não recair em uma anarquia individualista;
- Os caminhos:
 1. Interesse-me por você não porque é igual a mim, e sim porque é diferente de mim.
 2. Confiança no organismo que supera o pensamento consciente.
- Conclusão: desafio aos pedagogos a adentrarem isso, ao invés de coagirem os alunos a seguir um direcionamento cultural.

Educação e aprendizagem

- Professor: dotado de mais conhecimento que o aluno; aula como recipiente e busca de confirmação; autoridade; pouca confiança no aluno; coação aos estudantes; democracia em escárnio; condutor somente de intelecto.
- Aprendizagem centrada na pessoa faz frente à tudo isso pelos princípios relacionais rogerianos.
- Apoio nos estudos de Aspy.

A pessoa que está surgindo

- Desejo de autenticidade;
- Antipatia institucional;
- Descaso pelos bens materiais;
- Interesse não-moralista (interesse em ajudar o outro);
- Desejo de intimidade (laços temporários e afetivos);
- Ceticismo em relação à ciência (abertura ao I-Ching e Tarot);
- Universo interior;
- Equilíbrio com a natureza;
- Foco no processo pessoal;
- Autoridade interna.
- Isso tudo é viável? Argumento de Rogers: (r)evoluções sociais na história; seleção natural e múltiplas realidades.

Obrigado!